

APRESENTAÇÃO DE FERNANDO CARDIM DE CARVALHO POR OCASIÃO DE SUA AULA MAGNA NA ANPEC, 9 DE DEZEMBRO DE 2008.

1) O JOVEM CARDIM

Membro de uma turma excepcional do então estreante MESTRADO EM ECONOMIA da Unicamp, Cardim se distinguia pela vocação acadêmica, então manifestada pelo seu enorme apetite teórico. Chamava também a atenção o fato de que Cardim buscava em tudo, tomar posições fortes, sustentadas com numerosos e detalhados argumentos. Exemplificando: a seleção brasileira na Copa de 70. E aqui aproveito para assinalar mais uma característica do nosso personagem: a persistência, a fidelidade aos seus temas e preferências. Cardim presente, conversas sobre futebol podem começar de qualquer forma, mas terminam sempre com lances da copa de 70, minuciosamente reconstituídos pela sua prodigiosa memória .

2) O MESTRE.

Professor, as qualidades de Fernando Cardim foram sendo trabalhadas e desenvolvidas. O maior destaque vai aqui, sem dúvida, para o rigor e a erudição com que os argumentos são incansavelmente apresentados. E chama a atenção, a este propósito, uma qualidade rara, mesmo entre eruditos: o empenho em entender e expor fielmente os argumentos de diferentes autores, ai incluídos aqueles com os quais o mestre não tem qualquer afinidade teórica. E Cardim procura transmitir esta atitude aos alunos, não permitindo que condenações fáceis, parciais ou historicamente infundadas sejam repetidas mediante digamos, críticas apressadas. “Veja bem”, pondera o mestre, e enfileira, a seguir, diversos argumentos que colocam em questão os juízos que lhe parecem infundados. É claro que tudo isto exige um imenso empenho – e os amigos sabem bem disto, bem como de suas conseqüências. Por exemplo: o personagem, mergulhado em seus trabalhos, simplesmente não atende telefone. Mas nem por isto deixa de ser, nas horas vagas, um amigo, frequentemente brincalhão, por vezes caloroso. Mais que isto. Muito mais que isto. O mestre se revelou um agregador, que reúne discipulos, que faz escola.

E não cabe dúvida que seus ensinamentos vão muito além das salas de aula. Lembro-me de uma longa conversa numa varanda em Barra de São Joao, na qual Cardim me explicou que o long run, no qual estamos todos mortos, na famosa frase de Keynes, é o tempo abstrato, no qual a economia, supostamente, passa de um equilíbrio a outro equilíbrio. Ora, estudar a economia, de equilíbrio em equilíbrio, preocupa-se Keynes, é omitir as transições, é como afirmar que “depois de passada a tempestade, o mar voltará a estar calmo”. Em outras palavras, é importante, teórica e praticamente, enfrentar as próprias tempestades. E isto se faz no tempo histórico e não no tempo lógico. Um adendo, aprendida a lição, muito importante para um economista como eu, de assumido viés pró-história, fomos chamados para o almoço: uma feijoada de terça-feira de carnaval. E Cardim levantou o seu tradicional brinde ao porquinho, que teria morrido, segundo ele, em justa causa.

3) O ECONOMISTA POLICY-ORIENTED

Essa é a fase em que Cardim, sem abandonar seus trabalhos teóricos, envolve-se mais diretamente com questões práticas e com a avaliação de políticas públicas, chegando por vezes a defender medidas e programas. E mais uma vez aqui cabe assinalar a sua coerência e firmeza na tomada de posições. Um excelente exemplo consiste na sua apreciação do tratamento dado ao setor bancário no Brasil, no delicado momento que se segue ao lançamento do Plano Real. No caso, através do chamado PROER, foi promovida a absorção dos grandes bancos Nacional e Econômico.

Em sua análise da experiência, publicada na revista da Banca Nazionale del Lavoro, a corajosa conclusão a que o autor chega é que: *Despite the criticisms the program received, accused of bailing out failed bankers ... PROER was a key element to lull the public's disquietude, preventing the triggering of a full-fledged systemic banking crisis.* Junto a outros méritos, a análise e suas conclusões mostraram como naquele momento foi levada a efeito, de maneira eficaz, uma complexa e delicada operação, do tipo que vem sendo tentado, nos nossos dias, em diversos países.

Concluindo, quero sublinhar que o mundo econômico está sendo terrivelmente ameaçado, neste momento, pelo surgimento de algo que poderíamos sumariamente denominar de “vácuos de demanda”. Subitamente colocados frente a este brutal desafio, pode-se afirmar que a questão da demanda efetiva voltou a ser tao central, e a sua criação e sustentação tão relevantes, quanto nos anos 30 do século passado. Mas é claro que a tempestade chega ao Brasil de forma diferente, colocando desafios que devem ser equacionados num contexto institucional e histórico muito peculiar. Evidentemente os keynesianos brasileiros devem ser mais que ouvidos neste contexto. Entre eles, com o merecido destaque, Fernando Cardim de Carvalho, o nosso conferencista desta noite.